

A linguagem corporal e a dominação social: registro somático do sofrimento humano (reflexão teórica)¹

Cícero José Alves Soares Neto

Universidade Federal de Uberlândia. Doutor em Sociologia pela UnB.
ciceroalves@prove.ufu.br

Resumo: Objetiva-se compreender a linguagem corporal, por intermédio das doenças, como mecanismo de expressão da ética corporal, ou seja, visa-se entender o significado do registro somático como sinalização do que acontece entre o ato de adoecer e a dominação social. Busca-se, na realidade, identificar a origem social das doenças, desvendando o campo simbólico da mensagem somatodramática como canal de manifestação do que ocorre entre a sinalização corporal e as estratégias de dominação social na sociedade atual.

A pretensão desta reflexão é registrar, inicialmente, uma proposta de trabalho que vem se construindo ao longo dos últimos anos na nossa formação acadêmica e, em seguida, inserir esta interpretação num debate contemporâneo que começa a ser discutido de forma amadurecida e mais articulada. Enfim, o presente trabalho transforma-se numa linha de investigação que se apresenta com um horizonte presente na agenda atual. Então, a partir deste registro, o objetivo desta proposta de pesquisa é compreender a linguagem corporal como expressão da ética corporal e, então, entender o significado do registro somático como mecanismo da correlação de forças sociais na sociedade. Busca-se, em última instância, identificar a origem social das doenças. Assim, a intenção é desvendar o campo simbólico da mensagem somatodramática como canal de manifestação do que acontece entre a sinalização corporal e a dominação social. Portanto, visa-se apreender o fetichismo da linguagem somática, identificando um mapeamento corporal como um campo simbólico de expressão das estruturas de mando na realidade social, sob a ótica da Filosofia Oriental, a partir do paradigma do “chi”, na Medicina Tradicional Chinesa.

A origem da relevância social desta análise possui duas dimensões: a individual (micro) e a coletiva (macro), que se justapõem como fundamento motivacional do estudo. Inicialmente, na macro-abordagem, o enfoque recai no aspecto da singularidade da participação do corpo no sistema de poder na sociedade humana e, na micro-abordagem, no fator da resiliência que o corpo humano é dotado para enfrentar as adversidades da vida. E como se pretende articular a participação corporal no sistema de

¹ Deve-se entender este texto como um registro acadêmico de uma proposta de trabalho que se inicia e se apresenta à comunidade acadêmica como um desafio de reflexão que o autor expõe para o debate. Esta reflexão tem sido comunicada em alguns eventos: XXX Encontro Nacional do CERU/USP, 2003; IV Semana Acadêmica da UFU/2004, I Encontro Nacional de Educação, Saúde e Cultura Populares, UFU/2004 e III Simpósio Internacional Cultura e Identidades, UFG/2007.

poder social e a resiliência nas adversidades da realidade? Ou seja, a partir de qual perspectiva se cogita vincular o corpo e a resiliência no jogo de forças da sociedade humana?

No nosso trajeto na pós-graduação, tanto no Mestrado², quanto no Doutorado³, na Sociologia, a questão central da investigação repousava na compreensão da participação do homem do campo no processo eleitoral, ou seja, como se dava a entrada do camponês nas disputas partidárias do poder local. Objetivou-se entender de que forma ocorria a vinculação social da massa votante com o coronelato rural, isto é, como a estrutura social organizava a participação política do homem do campo do sertão nordestino no processo eleitoral potiguar, no período republicano (1889-1950)⁴. A preocupação com o tema da *participação política* mobilizou a percepção do analista social para a questão da linguagem corporal, pois se detectou de que forma ocorria a participação política por intermédio do registro somático no jogo da correlação de forças sociais. O olhar clínico do analista social deslocou-se para a questão corporal e identificou como o corpo registra o sofrimento humano imposto pela estrutura de dominação social e como este possui um código simbólico que se expressa no ato de adoecer. Enfim, a sutileza da ética corporal agendou-se no olhar do analista social. Após uma experiência com um problema de saúde pessoal, na busca por uma saída de re-equilíbrio, ocorreu uma aproximação com as artes marciais⁵ e, no convívio com a prática energética do ritual marcial, percebeu-se o vínculo energético desequilibrante provocado pelos conflitos sociais.

Na nossa formação de trabalhadores intelectuais, tem ocorrido a produção de críticos dos sistemas político, social, econômico, educacional e cultural, de forma competente e criteriosa, cientificamente falando. Entretanto, a questão corporal, sob o aspecto sócio-antropológico, tem se caracterizado por um olhar social limitado e recente. Daí, o despertar para a questão da alienação corporal como um campo que propicia ao estudioso um entendimento do que anda ocorrendo com a linguagem corporal enquanto temática de investigação social. Por outro lado, em função da convivência profissional, por mais de duas décadas, como funcionário público federal de uma Instituição de Ensino Superior, mais especificadamente, na Universidade Federal de Uberlândia, desde o ano de 1985, o fenômeno da linguagem corporal tem se apresentado de forma significativa ao “olhar clínico” do analista social como um campo de compreensão desafiante e promissor, na investigação científica. Diante deste relato histórico, que se inicia com a participação do corpo no jogo do poder, com ênfase na resiliência como fator de enfrentamento das adversidades, justifica-se a intenção de compreender como ocorre a doença, sob uma ótica sócio-antropológica no jogo de dominação social.

Portanto, o interesse pela questão corporal, como fonte de conexão entre a realidade social, por intermédio da estrutura de dominação e da identidade sócio-psíquica, sinaliza para a intenção de caracterizar o fundamento social dos registros corporais, por intermédio das doenças, que emergem como um fator desafiante de compreensão da mensagem somática vinculada à estrutura de poder e de dominação social. Consegue-se perceber uma tecnologia corporal, por um lado, e um enigma da doença, por outro, nas organizações e culturas que se transformam num desafio ao pesquisador social.

A origem desta questão reside na controvérsia do ato de adoecer, que apresenta duas abordagens: uma corrente, sob a ótica *psico-fisiológica*, procura criar um vínculo entre a emoção e a função fisiológica, conforme o ilustrativo título da obra: *Da Emoção à Lesão* (BALLONE, PEREIRA NETO e ORTOLANI, 2002), que sinaliza o registro somático do sofrimento humano; a segunda interpretação, de base *holística*, incorpora a leitura emoção-função fisiológica, mas insere a questão social para o debate, tornando o ato de adoecer mais articulado: o social, a emoção e a função fisiológica. Neste sentido, perce-

² Defendida na Unicamp, sob a orientação do Prof. Dr. Décio A. M. Saes, em 1984.

³ Defendida na UnB, sob a orientação do Prof. Dr. Elimar Pinheiro do Nascimento, em 2003.

⁴ A unidade de análise da pesquisa histórico-empírica foi a micro-região do Seridó, no Estado Potiguar.

⁵ Inicialmente, no Karatê, estilo marcial duro ou externo, da tradição japonesa e do paradigma “Ki”. Posteriormente, no Tai chi, do estilo suave e interno, da escola chinesa, do paradigma “chi”.

beu-se, como analista social, por um lado, e como funcionário público, por outro, a articulação dos espaços do político com o somático, como ocorre à conexão entre a linguagem corporal e a dominação social. A sensibilidade desta vinculação (analista social e funcionário público) despertou para se apreender a origem social da doença, no jogo da correlação de forças sociais na arena do mando e do poder. Sob a ótica holística, compreendeu-se o papel de “bode expiatório” aplicado, fisiologicamente, e articulado ao mundo social, aos órgãos da matriz corporal (PERERA, 1991). Do desempenho deste papel social emergiu a estratégia de um problema a ser compreendido: qual o significado do corpo como fonte de registro somático diante das estratégias de poder? Como compreender a linguagem corporal como expressão da dominação social? Enfim, como decodificar a manifestação somática diante das estruturas sociais de mando? Portanto, entender o nexo de vinculação entre a linguagem corporal e a estratégia do poder social é contextualizar e contribuir para a análise de como ocorre à participação corporal nos conflitos sociais. Em função deste interesse, ocorreu a produção de algumas orientações de pesquisas no tema, ora na especialização, ora na graduação: *Sedentarismo no serviço público federal: UFU (estudo de caso)*⁶; *Alcoolismo na UFU: DIAME (uma análise sociológica sobre a dependência química no serviço público federal)*⁷ e *Estresse no HC/UFU: equipe de enfermagem (estudo de caso)*⁸.

A proposta deste resgate conceitual é contextualizar, por intermédio da filosofia oriental, a distinção entre os paradigmas “*chi*”, da escola chinesa; o “*ki*”, da escola japonesa; e o “*prana*”, da escola hindu. Torna-se fundamental apresentar a diferença entre os sistemas energéticos de cura do oriente, pois a literatura ocidental tem escamoteado tal distinção que provoca um amalgamento que descaracteriza o que cada escola (chinesa, japonesa e hindu) articula e apresenta para a questão da “*energia vital*”: conceituação que a literatura ocidental tenta traduzir para o “*chi*”, o “*ki*” e o “*prana*”. Enquanto a escola chinesa privilegia os condutores energéticos e os meridianos (o processo em si), as duas outras correntes, a japonesa e a hindu, priorizam os campos energéticos, os chakras. Não identificar tais diferenças analíticas produz e provoca uma confusão interpretativa no mundo ocidental, que restringe a riqueza analítica de cada esquema paradigmático que enfraquece a compreensão da proposta de cada escola. Neste sentido, a distinção dos paradigmas (*chi*, *ki* e *prana*) torna-se um campo prioritário para, em seguida, definir num paradigma, o “*chi*”, como instrumento conceitual de investigação.

Para isto, busca-se, inicialmente, o fundamento teórico da filosofia oriental, por intermédio da medicina tradicional chinesa, que apresenta uma visão holística da sociedade humana. Na abordagem chinesa, apresenta-se a teoria materialista do Yin-Yang e dos cinco elementos (madeira, fogo, terra, metal e água). A compreensão da arquitetura conceitual da medicina tradicional chinesa tem no paradigma “*chi*” a chave de entendimento do que se pode apreender do funcionamento da sociedade humana. Isto aplicado aos cinco órgãos (o coração, o pulmão, o baço, o fígado e os rins), nas suas funções fisiológicas específicas e particulares, define uma relação de interação entre as relações mútuas de dependência e interdependência que a teoria básica do Yin e Yang e a teoria dos cinco elementos articulam. A conceituação da abordagem chinesa permite entender o registro somático com base nos princípios básicos: o “*conceito holístico e o planejamento do tratamento de acordo com o diagnóstico*” (BAI NE, 1999). Neste sentido, a interpretação oriental busca identificar a *gênese das doenças* e a *interconexão causal* que provoca um desequilíbrio da energia vital, o “*chi*” para a visão chinesa. Portanto, por intermédio da concepção chinesa, ao instrumentalizar-se a compreensão da energia vital apreende-se o registro somático como um campo de significado das estru-

⁶ Monografia do Curso de Especialização Metodologia da Pesquisa Social: Fontes Primárias, de Izilda Cardoso Costa, desenvolvida nos anos de 1994-5.

⁷ Monografia do Curso de Especialização Metodologia da Pesquisa Social: Fontes Primárias, de Elaine Fátima Silvério, desenvolvida nos anos de 1994-5.

⁸ Monografia do Curso de Graduação em Pedagogia, da Universidade Federal de Uberlândia, de Ilda Cristina Santos, apresentada no ano de 1999.

turas sociais de poder. Busca-se, por conseguinte, na visão oriental, o instrumental de inserção no campo corporal. Por fim, identifica-se e caracteriza-se a dominação social na realidade ocidental, na qual se privilegia *o corpo como um canal de expressão das estratégias de poder*, como recurso de domínio e controle do mando social, de que forma isto ocorre, como o corpo se transforma num recurso final de entender o jogo de forças na sociedade ocidental. Desta forma, a intenção é efetuar um mapeamento corporal da dominação social, desvendando-se *o fetichismo somático, por intermédio do indicador social das doenças*. Portanto, a identidade teórica desta análise recai fundamentalmente em articular, conceitualmente, *o corpo como campo de registro somático das estratégias de dominação social*, a partir das contribuições da teoria da corrente oriental, fundamentada na *medicina tradicional chinesa*.

A proposta investigativa da pesquisa privilegia, apenas, neste momento atual, a reflexão *teórica*, sob um enfoque *holístico* e numa abordagem *sistêmica*. A partir da construção deste instrumento conceitual, o do paradigma do “chi”, da escola chinesa, pretende-se efetuar uma aplicação histórica na sociedade humana, no processo da conexão causal das doenças. A unidade de análise a ser escolhida, para verificar a aplicação histórica do estudo, sinaliza para a questão do câncer que se apresenta como uma manifestação somática do “chi” bloqueado. Nessa unidade de análise, percebe-se, de forma mais explícita, a sinalização do vínculo entre a estrutura social conflitante e o ato de adoecer. Por exemplo, dois casos, de domínio público, podem e servem, ilustrativamente, para configurar a relação do vínculo entre o somático e o conflito social: 1. Pedro Collor, irmão do ex-presidente Fernando Collor, após denunciar contra o grupo do poder e o seu próprio irmão, apareceu com um câncer fulminante no cérebro; 2. a filha não-legítima do famoso jogador de futebol, Pelé, após anos de luta para ser reconhecida e aceita como filha do Senhor Édson Arantes do Nascimento, também desenvolveu um câncer na mama que a levou a óbito. Portanto, tais casos públicos sinalizam para uma vinculação social entre a estrutura social conflitante e o registro somático do ato de adoecer e para o fato de que, simbolicamente, os órgãos afetados são expressivos da representação do conflito social vivenciado pelos participantes do problema: o cérebro, para o Pedro Collor denunciante da própria “família”; e a mama, para a Sandra, filha não-reconhecida e, acima de tudo, não-aceita pelo pai famoso. Segundo a corrente interpretativa holística acatada por esta reflexão, *“a doença torna as pessoas honestas”* (DETHLEFSEN, DAHLKE, 1995, p. 138). Então, pode-se identificar em tal movimento uma ética corporal que se manifesta de forma verdadeira e primordial, apesar dos mecanismos da racionalidade.

Bibliografia¹³

ADAM, Philippe & HERZLICH, Claudine. *Sociologia da doença e da Medicina*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

ALEXANDER, Franz. *Medicina psicossomática: princípios e aplicações*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto (org.). *Psicossomática e a Psicologia da dor*. São Paulo: Pioneira, 2001.

BAI NE, Zhang & HUI HE, Yin. *Teoria básica da Medicina Tradicional Chinesa*. São Paulo: Atheneu, 1999.

¹³ Esta bibliografia é apresentada como um horizonte amplo e desafiante aos que se interessam ao tratamento do tema, por um lado, e aos que desconhecem de forma mais profunda a discussão acerca do assunto. Pessoalmente, trata-se do meu desafio para a minha proposta de pós-doutorado e para as minhas investigações doravante, com certeza.

BALLONE, Geraldo José; PEREIRA NETO, Eurico; ORTOLANI, Ida Vanit. *Da emoção à lesão: um guia de Medicina Psicossomática*. São Paulo: Manole, 2002.

BOLTANSKI, Lue. *As Classes sociais e o corpo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

CANESQUI, A. M. (org.). *Ciências Sociais e saúde*. São Paulo: Abrasco/Hucitec, 1997.

CAPRA, Fritjof. *O Tao da Física: um paralelo entre a Física moderna e o misticismo oriental*. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 1997.

DAHLKE, Rudiger. *A Doença como linguagem da alma: os sintomas como oportunidades de desenvolvimento*. São Paulo: Cultrix, 1999.

_____. *A doença como símbolo: sintomas, significados, tratamentos e remissão*. São Paulo: Cultrix, 2000.

DETHLEFSEN, Thorwald & DAHLKE, Rudiger. *A Doença como caminho: uma visão nova da cura como ponto de mutação em que um mal se deixa transformar em bem*. São Paulo: Cultrix, 1995.

DOLTO, Françoise. *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

DYCHTOWALD, Ken. *Corpomente: uma síntese dos caminhos do Oriente e do Ocidente para autoconsciência, Saúde e Crescimento Pessoal*. 5 ed. São Paulo: Summus, 1984.

FREIRE, Cristina. *O Corpo reflete o seu drama: somatodrama como abordagem psicossomática*. São Paulo: Ágora, 2000.

FROST, Peter J. *Emoções tóxicas no trabalho*. São Paulo: Futura, 2003.

GERBER, Richard. *Medicina vibracional: uma Medicina para o futuro*. São Paulo: Cultrix, 1997.

GOLDENBERG, Paulete; MARSIGLIA, Regina M. G.; GOMES, Mara H. de A. *O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

GUIRAUD, Pierre. *A Linguagem do corpo*. São Paulo: Ática, 1991.

HAYNAL, A; PASINI, W; ARCHINARD, M. *Medicina Psicossomática: abordagens psicossociais*. 3 ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 2001.

HEGENBERG, Leônidas. *Doença: um estudo filosófico*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1998.

HIRIGOYEN, Marie-France. *Assédio moral: a violência perversa no cotidiano*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. *Mal-estar no trabalho: redefinindo o assédio moral*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

HISADA, Sueli. *Conversando sobre Psicossomática*. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

KELEMAN, Stanley. *O corpo diz sua mente*. São Paulo: Summus, 1996.

- HELMAN, Cecil G. *Cultura, saúde e doença*. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LADE, Arnie & SVOBODA, Robert. *Tao e Dharma: Medicina Chinesa e Ayurveda*. São Paulo: Pensamento, 1998.
- LAPLANTINE, François. *Antropologia da doença*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus, 2003.
- _____. *A Sociologia do corpo*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LELOUP, Jean-Yves. *O corpo e seus símbolos: uma Antropologia essencial*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- LOWEN, Alexander. *Bioenergética*. 5 ed. São Paulo: Summus, 1982.
- _____. *O corpo em depressão: as bases biológicas da fé e da realidade*. 3 ed. São Paulo: Summus, 1983.
- _____. *A espiritualidade do corpo: bioenergética para a beleza e a harmonia*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- MARTY, Pierre. *A Psicossomática do adulto*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- MALUF JR., Nicolau. *Reich: o corpo e a clínica*. São Paulo: Summus, 2000.
- MANN, W. Edward. *Orgônio, Reich & Eros: a teoria da energia vital de Wilhelm Reich*. São Paulo: Summus, 1989.
- MARTINS, Paulo Henrique. *Contra a desumanização da medicina: crítica sociológica das práticas médicas modernas*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MELLO FILHO, Júlio. *Concepção psicossomática: visão atual*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.
- _____. (org.). *Psicossomática hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- MINAYO, Maria Cecília de S. & COIMBRA JR., Carlos E. A. *Críticas atuantes: ciências sociais e humanas em saúde na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.
- NAVARRO, Federico. *Somatopsicopatologia*. São Paulo: Summus, 1996.
- ODOUL, Michael. *Diga-me onde dói e eu te direi por quê: os gritos do corpo são mensagens das emoções*. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- PERERA, Sylvia Brinton. *O Complexo de bode expiatório: rumo a uma mitologia da sombra e da culpa*. São Paulo: Cultrix, 1991.
- RAMOS, Denise Gimenez. *A Psique do corpo: uma compreensão simbólica da doença*. 2 ed. São Paulo: Summus, 1994.
- SILVA, Marco Aurélio Dias da. *Quem não adoece: o papel das emoções na prevenção e cura das doenças*. 18 ed. São Paulo: Best Seller, 1998.
- SONTAG, Susan. *A Doença como metáfora*. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- TAMAYO, Álvaro e colaboradores. *Cultura e saúde nas organizações*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

TOTMAN, Richard. *Causas sociais da doença*. São Paulo: IBRASA, 1982.

TRUONG, N. & LE GOFF, J. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

WINTER, Themis Regina. *Enigma da doença: uma conversa à luz da Psicossomática contemporânea*. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo, 1997.